NOTÍCIA TRISTE – A MORTE DO CARLOS

Amigos(as)

Agora, no meio desta noite, vindo ao computador para conferir as correspondências eletrônicas que parei de verificar há mais de dez dias, concentrado que estou na escritura de um texto central da minha vida acadêmica, vejo com imensa tristeza essa notícia. No Carlos, além da cordialidade desinteressada e da simpatia larga, havia também a evidência de um espírito sensível e inteligente. Senti isso especialmente durante o inverno, na antiga sala do III Departamento, onde penso ainda ser a Secretaria do Curso de Especialização em Direito Ambiental. Em meio a um frio intenso e a uma chuva muito forte, ingressei ali conduzido por nosso amigo porque eu procurava, ao que lembro, a listagem dos alunos matriculados em Ética Ambiental. Ele me auxiliou, abrindo as portas de um armário e até mesmo consultando o computador que ali estava. Descobriu, lá pelas tantas, quem eram os alunos. Havia uma “*pasta*” estatelada no desktop do computador com o nome dos estudantes matriculados. Recordo que naquele instante eu lembrava dos tempos em que passava as provas no mimeógrafo, com o “*auxílio luxuoso*” do Arno, e depois cheirávamos o álcool que ficava impregnado nas folhas e na matriz. As folhas estavam ainda aquecidas e dobravam em contato com o ar.  Pensava eu nisso quando, subitamente, o Carlos olhou para mim e me fez ver que o ambiente rescendia a um odor de mofo, de peça úmida fechada, e disse:

- Professor, um amigo meu disse que esse é o cheiro que deve ter a saudade.

Nunca mais esqueci, mesmo porque era exatamente saudade o que eu estava sentindo. Saudade do Arno e de mim mesmo, quando bem jovem. Saudade do tempo romântico dos mimeógrafos, das matrizes, das máquinas manuais de escrever, dos papéis-carbono, do errorex e de tudo o que havia quando não havia monitores contendo o mundo inteiro, e que lhes chega de uma CPU através de um simples fio. Boa parte desse mundo levamos para casa, se quisermos, em um pendrive, e ministramos nossas aulas com o suporte eventual de um data show. Tenho saudade do giz, do quadro verde, que esses quadros lisos e brancos e suas canetas escorregadias me alteraram para sempre a ortografia em aula.

Enfim, hoje, graças ao Carlos e seu mundo sensível eu sei que a saudade deve ter o cheiro de uma peça antiga no inverno, fechada boa parte do dia. Mas, quando amanhã eu entrar na Faculdade, sei que mesmo sem a fragrância própria das coisas velhas, irei sentir saudade daquele homem gentil e afável, e talvez eu compreenda que se a saudade tem cheiro de tempo ela é também um espaço vazio.

Olhem para o que hoje nada é e que ontem algo foi e vejam se não começarão a sentir, de alguma maneira, saudade.

Espero que sua família encontre conforto em relação ao absurdo da morte pela constatação do absurdo da vida. A saudade, contudo, não tem olhos para o nonsense. A saudade não pensa. A substância da saudade é feita apenas de sentimento.

Dormirei triste.

Abraço.

Pedro Moacyr